



“Não vamos desistir do DF”

Candidato do PT ao GDF parabenizou Celina Leão pela vitória, destacou a união das forças de esquerda na capital e reafirmou seu compromisso com o trabalho de base e a sustentação do novo mandato do presidente reeleito Lula

» CARLOS SILVA

O candidato derrotado ao Governo do Distrito Federal, Leandro Grass (PT), afirmou que pretende continuar na política e reorganizar o campo progressista após perder o segundo turno das eleições para Celina Leão (PP), ontem. Em pronunciamento na sede nacional do PT, no Setor Comercial Sul, o petista agradeceu aos eleitores, reconheceu a vitória da adversária e prometeu manter a atuação em defesa dos serviços públicos e da população mais vulnerável.

O petista disse que parabenizou os adversários da disputa pela vitória deles. “Tive a oportunidade de ligar para os dois (Celina Leão e o vice-governador eleito, Gustavo Rocha, do Republicanos), para cumprimentá-los. “Respeito a democracia sempre”, afirmou. Durante o discurso, agradeceu à família, à militância, aos partidos aliados, às lideranças políticas e aos profissionais de imprensa que acompanharam os cerca de 70 dias de campanha.

Ao avaliar o resultado, Grass destacou a união das forças progressistas como um dos fatores que contribuíram para o desempenho eleitoral. O candidato também agradeceu aos parlamentares eleitos e às lideranças que participaram das atividades de campanha. “Conseguimos unificar todo o campo progressista do DF. Tivemos a maior votação do campo desde 2010”, declarou.

Cenário nacional

A manifestação de Grass também foi marcada pela comemoração da vitória de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) na eleição presidencial. “Lula reeleito para o bem do povo brasileiro, da democracia e do futuro. E agora é darmos a ele toda força, toda sustentação para que ele consiga fazer o seu último governo”, frisou.

O candidato também ressaltou o resultado da esquerda na eleição local e afirmou que o campo progressista mantém presença institucional no DF. “Muita gente falava há 10 anos que o PT tinha acabado. Eu ouvi isso: ‘Ah, o PT acabou. Ah, a esquerda já era’. Sobrou nada da esquerda. Nós saímos da urna aqui com mais de 720 mil votos, quase isso”, afirmou.

Grass exaltou a trajetória política de Lula e atribuiu ao presidente avanços no combate à pobreza e na melhoria das condições de vida da população. Também afirmou que o novo mandato deve ser acompanhado pela organização social e pela defesa das políticas públicas. “Agora é manter o povo

Mariana Campos/CB/D.A Press



Junto a aliados, o petista fez o pronunciamento após a derrota na sede nacional do PT em Brasília, no Setor Comercial Sul

Junior Rosa/Divulgação



Conseguimos unificar todo o campo progressista do DF. Tivemos a maior votação do campo desde 2010. E digo: nós não vamos desistir do DF”

Leandro Grass,
candidato derrotado

organizado, manter a sociedade organizada também diante dos desafios desse quarto mandato. E o Brasil não pode andar para trás”, disse.

Reorganização

Grass defendeu que a reorganização do campo progressista começa pela retomada do trabalho de base e pela aproximação com

a população, especialmente nas regiões onde os serviços públicos enfrentam dificuldades. “A campanha não é mais do partido, ou dos partidos. Ela é uma campanha do povo. Quem se mobilizou e foi para a rua foi o povo. Nós fomos com eles, com as pessoas”, afirmou.

O candidato disse que pretende continuar defendendo os grupos que, em sua avaliação, têm menos

acesso aos espaços de decisão política. Para ele, a atuação dos parlamentares aliados será importante para manter as propostas apresentadas durante a disputa. “Nós vamos continuar trabalhando, como eu disse, continuar do lado da população, defendendo os mais necessitados, lutando por aqueles que não têm poder, que não têm voz”, declarou.

Questionado sobre os próximos passos, Grass disse que não pretende condicionar sua atuação política à ocupação de um cargo público. O petista afirmou que continuará exercendo a profissão de professor e que ainda vai avaliar os caminhos a serem seguidos após o encerramento da eleição. “Temos um plano que não depende de cargo, não depende de

função. A minha profissão é professor, vou continuar sendo professor”, declarou.

Trajetória

Leandro Antonio Grass Peixoto, 41 anos, se lançou candidato pela Federação Brasil da Esperança. Sociólogo, professor e mestre em desenvolvimento sustentável pela Universidade de Brasília (UnB), o brasiliense iniciou sua trajetória na militância social, foi eleito deputado distrital em 2018 e presidiu o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) até o início de 2026. Tendo como candidata a vice a professora Dora Gomes (PV), ele tentou chegar ao Burti após ter ficado em segundo lugar no pleito de 2022.

Ao **Correio**, Grass comentou sobre a rotina diária em quase 70 dias de campanha. A agenda do petista começou em 16 de agosto, quando ele deu a largada na corrida pelo Governo do Distrito Federal com um ato político em São Sebastião. Desde então, o representante do PT percorreu todas as regiões administrativas para apresentar propostas, participar de caminhadas, carreatas e conversar com eleitores. A campanha do candidato estima ter percorrido cerca de 15 mil quilômetros nesse período.

Na véspera da votação, no último sábado, o petista fez um balanço da caminhada até ali e ressaltou a emoção de apoiadores que participaram dos atos públicos. “Essa é a parte mais bonita da campanha: a emoção, o sentimento verdadeiro das pessoas. De quem não recebe nada para ir à rua defender o nosso projeto. Isso não tem preço”, afirmou. O discurso era de confiança na mobilização construída ao longo do trajeto, mesmo diante do desgaste de semanas de atividades. “Excelentes energias, muita coisa boa”, afirmou.

Foram dias de muitos compromissos, sem tempo para comer direito, se exercitar ou ficar com a família. Logo no início da campanha, no entanto, Grass descobriu que seria pai. “No meio da campanha, descobrimos a gestação da minha esposa, e as prioridades mudaram para que eu pudesse acompanhar o pré-natal do João e estar ao lado da Marcela. Inclusive uma das formas de convivência familiar foi justamente ter ela, minha mãe, minha sogra, minha cunhada e meus sobrinhos nas agendas.”

Ele também disse que, desde a pré-campanha, não teve nenhum dia inteiro em casa para descansar. “Fiquei sempre na rua ou dando entrevistas. Outra coisa interessante foi que do fim do primeiro turno para cá a empolgação das pessoas ao me encontrar foi crescendo e me emocionando cada dia mais. Ver as pessoas chorando ao dizer que confiam em mim foi indescritível.”

ARTIGO



» PROF. DR. MURILO BORSIO BATAGLIA, Doutor em Direito pela Universidade de Brasília (PPGD/UnB), professor do Mestrado Profissional em Direito da UnB e pró-reitor de Pesquisa da Estácio Brasília

Bastaria viralizar? O futuro do campo progressista na sociedade em rede

Canais de WhatsApp com milhões de seguidores. Explosão de informações e mobilizações nesta campanha eleitoral, especialmente no segundo turno. Este artigo reflete sobre o futuro do campo progressista após as eleições, considerando a sociedade da informação e os movimentos das candidaturas.

A realidade é digital: as tecnologias de informação e comunicação mesclam o analógico ao digital, e as redes sociais integram o cotidiano. O segundo turno das eleições de 2026 retrata essa dinâmica: articulação de bases eleitorais e engajamento político em torno de visões de mundo, tendo as ferramentas digitais como peça-chave.

Redes sociais e grupos de mensagens são arenas de debate e articulação,

estruturadas por identificações coletivas. Vivemos em uma sociedade em rede, conectada pela circulação de informações. O fluxo, antes predominantemente unidirecional, tornou-se multidirecional: todos podem produzir e consumir informações, ampliando a participação, mas também os riscos de desinformação e polarização.

Castells, em *A sociedade em rede* (2000), analisa como a identidade contribui para a construção de significados sociais. Kestas Kirtiklis (2017) destaca a lógica das redes e as transformações do tempo e do espaço provocadas pelas tecnologias de comunicação. A informação não é apenas conteúdo: tornou-se recurso de articulação, influência e poder. Essa questão também

dialoga com o direito à informação: dados públicos precisam ser compreensíveis e verificáveis para fortalecer a participação e o controle social.

Diante do cenário eleitoral, a pergunta é: como o campo progressista pode se alinhar e se organizar nos próximos quatro anos?

O momento exige novas lideranças progressistas capazes de usar essas ferramentas e circular entre realidades sociais distintas. Em uma sociedade conectada, mas marcada por desigualdades de acesso e participação, dialogar com eleitores e grupos sociais fortalece a legitimidade e a representatividade, valores essenciais à democracia.

Jovens, igrejas, trabalhadores autônomos e por aplicativos, pequenos e grandes empreendedores, influenciadores e moradores das periferias não podem ser tratados apenas como segmentos eleitorais. Suas experiências e insatisfações precisam

ser ouvidas. A partir dessa escuta, é possível construir identificação e formular pautas que mostrem como as decisões políticas afetam a vida cotidiana.

Também será necessário acompanhar temas que atravessam o futuro do país: relações internacionais e parcerias com China, União Europeia e Mercosul; autonomia brasileira diante de pressões externas; regime de trabalho; segurança pública e redução da maioridade penal; datacenters e inteligência artificial; direitos das minorias; e manutenção e aperfeiçoamento de políticas públicas e programas sociais. A agenda ambiental deve ser articulada ao desenvolvimento econômico, discutindo o papel do Estado como indutor do desenvolvimento e as parcerias com a iniciativa privada, com transparência e distribuição dos benefícios.

O desafio é transformar alcance e mobilização digital em organização política, identificação, participação, e defesa de direitos. Todos esses elementos passando

pela comunicação. O campo precisará avaliar onde perdeu vínculos, quais pautas não conseguiu traduzir e como ampliar sua presença entre grupos diversos. Não basta manter canais ativos ou contar seguidores: é preciso criar espaços de diálogo, formar lideranças e acompanhar as políticas que defende nas diversas redes e grupos.

No Distrito Federal, a presença nas diferentes regiões administrativas faz diferença. É preciso acompanhar demandas locais, ouvir lideranças comunitárias e compreender como serviços e políticas públicas chegam — ou deixam de chegar — à população. A atuação nas regiões do DF exige continuidade, confiança e compromisso com resultados.

Nos próximos quatro anos, a capacidade de ouvir, articular e responder às demandas sociais será tão importante quanto comunicá-las. Afinal, as eleições terminam, mas a disputa por legitimidade, ideias e confiança continua todos os dias.